DOI: https://doi.org/10.14201/0BR0019385400

TRANSPOSIÇÕES INTERMEDIÁTICAS: OBRAS DE EÇA DE QUEIROZ ADAPTADAS AO CINEMA

Transposiciones intermediáticas: obras de Eça de Queiroz adaptadas al cine

Intermediate transpositions: works by Eça de Queiroz adapted to cinema

Filomena Antunes Sobral
Instituto Politécnico de Viseu (Portugal)

Resumo**:** José Maria d' Eça de Queiroz é um autor que, não só expandiu a cultura portuguesa para o mundo, como inspirou outras linguagens artísticas através da adaptação literária. Perante uma produção escrita extraordinária, foi inevitável o encontro de outras artes com o património literário queirosiano e Eça é, talvez, o escritor oitocentista português que mais vezes foi relido ao nível audiovisual. Na vertente cinematográfica existe um total de 15 adaptações de obras queirosianas, sendo, deste

modo, explícita a dialogação entre texto escrito e a narrativa fílmica que culminou em mais de uma dezena de transposições. Este texto pretende apresentar uma visão diacrónica sobre a adaptação de obras de Eça ao cinema, com especial foco no cinema brasileiro e português.

Palavras-chave: cinema; literatura; Eça de Queiroz; adaptação literária.

Resumen: José Maria d'Eça de Queiroz es un autor que, no sólo divulgó la cultura portuguesa en el mundo, sino que inspiró otros lenguajes artísticos a través de la adaptación literaria. Su extraordinaria producción escrita, hizo inevitable el encuentro de otras artes con el patrimonio literario queirosiano, de forma que Eça es, tal vez, el escritor decimonónico portugués que más veces se ha releído a nivel audiovisual. En la vertiente cinematográfica existe un total de 15 adaptaciones de obras queirosianas, siendo de este modo explícito el diálogo entre el texto escrito y la narrativa fílmica, culminando en más de una decena de transposiciones. Este texto pretende presentar una visión diacrónica de la adaptación de obras de Eça al cine, con especial foco en el cine brasileño y portugués.

Palabras clave: cine; literatura; Eça de Queiroz; adaptación literaria.

Abstract: José Maria d'Eça de Queiroz is an author who not only disseminated Portuguese culture in the world, but also inspired other artistic languages through literary adaptation. His extraordinary written production made the encounter of other arts with the Queirosian literary heritage inevitable, so that Eça is, perhaps, the nineteenth-century Portuguese writer who has been reread the most times at an audiovisual level. In the cinematographic aspect there are a total of 15 adaptations of Queirosian works, thus making the dialogue between the written text and the film narrative explicit, culminating in more than a dozen transpositions. This text aims to present a diachronic vision of the adaptation of Eça's works to cinema, with special focus on Brazilian and Portuguese cinema.

Keywords: cinema; literature; Eça de Queiroz; literary adaptation.

1. Introdução

O cinema, como arte narrativa em som e imagem, estabeleceu desde cedo relações produtivas com a literatura proporcionando, através do poder da imaginação, que grandes temas se tornassem acessíveis através de versões imaginadas em forma de drama, comédia ou outros géneros fílmicos. Muitos títulos confirmam a presença dinâmica da literatura na ficção cinematográfica, não só portuguesa, como internacional.

Estas narrativas dramatizadas de vínculo literário são também fragmentos de memória cultural que, valendo-se de instrumentos narrativos próprios, podem incidir em variados temas que promovem reflexão e debate. São produções que levam à ressignificação de perceções do texto literário, promovendo uma visão mediatizada do mesmo e convocando interpretações renovadas. Atendendo à sua condição ilustrativa de textos culturais, este tipo de ficção erige-se como complemento e continuação, assim como rutura e confrontação com as formas convencionais de circulação de significados na memória coletiva.

Num olhar direcionado para o escritor canónico português Eça de Queiroz, sabendo que, não só expandiu a cultura portuguesa para o mundo, como inspirou a realização de vários filmes através da adaptação literária, o texto que se segue foca-se na apresentação sistemática e cronológica das obras do autor adaptadas ao cinema.

O objetivo geral é apresentar uma revisão diacrónica que possa contribuir para a literacia cinéfila relacionada com a transposição intermediática de obras queirosianas para cinema e, especificamente, elencar os motivos que têm historicamente aproximado a sétima arte dos escritos de Eça de Queiroz a partir da seguinte questão de investigação: Que razões têm levado o cinema a apresentar variadas interpretações criativas da herança literária queirosiana?

O enfoque é qualitativo, com seleção arbitrária de bibliografia e grande interferência de perceção subjetiva.

Deste modo, o percurso do presente texto, onde não só Eça de Queiroz 'personagem e encenador' é caracterizado, como as adaptações cinematográficas das suas obras são evidenciadas, sublinhando ainda os motivos das aproxi-

mações fílmicas, conduz-nos à apresentação dos títulos fílmicos de inspiração queirosiana no sentido de expor dados sobre esta temática.

Os resultados evidenciam que a influência queirosiana continua a fornecer conteúdos dramáticas estimulantes e criativos, permitindo revisitar a sociedade portuguesa em meados do século XIX (e extrapolar para a atual), bem como explorar uma época que nos fornece conteúdos históricos e culturais que permitem repensar a atualidade. Ou seja, dito de outra forma, tentativas ficcionais para compreender questões que permanecem.

Por outro lado, resulta do presente estudo que, pelo número escasso de referências bibliográficas disponíveis, a investigação sobre o diálogo entre o cinema e a literatura queirosiana deve ser recomendada, podendo-se concluir que o conhecimento científico disponível sobre adaptações cinematográficas de narrativas de Eça de Queiroz se encontra em plena construção.

2. Eça de Queiroz: Personagem e encenador

Numa altura em que, em Portugal, Eça de Queiroz volta a ser notícia por motivo da transferência dos seus restos mortais do cemitério de Santa Cruz do Douro, em Baião, para o monumento do Panteão Nacional, em Lisboa, recordamos o exposto por Mónica (2001) quando afirma que "Eça de Queirós jaz hoje, em Sta. Cruz, no meio das serras onde jamais quis viver" (p. 362), o irónico desfecho para um escritor que sempre se sentiu insatisfeito com os locais onde vivia.

Com efeito, quase próxima do estilo de romance folhetinesco, a morte de Eça de Queiroz oferece um cenário dramático fértil para ficcionalização. Os diversos episódios envolvendo o desaparecimento do escritor forneceriam, certamente, variados elementos para a mente criativa do autor que, elevando o bigode bem aparado num sorriso fino, encontraria, por certo, neste momento final da sua biografia, material para escrita abundante que, posteriormente, o cinema perpetuaria em adaptações fílmicas.

1900 marca, inesperadamente, o momento final da vida de Eça de Queiroz, aos 55 anos. Com a saúde profundamente debilitada, Eça desiste das termas e regressa a casa, em Paris, onde vem a falecer no dia 16 de

agosto. Alguns dias depois, segue-se o funeral com honras de Estado e a 16 de setembro de 1900 o corpo do escritor é transladado para Portugal. Emília de Castro Pamplona, 43 anos, viúva, é então forçada a assumir a organização familiar. É a ela que cabe a responsabilidade de empacotar o que ficou para trás e regressar a Portugal, onde desenvolve diligências para que os trabalhos inacabados do marido sejam publicados.

Porém, logo neste trajeto entre Paris e Lisboa, perdeu-se parte da história da vida de Eça, já que o navio que transportava o seu arquivo, assim como outros bens pessoais, naufragou ao largo da costa portuguesa. Esta peripécia, já por si inspiradora, não é caso único. Outras, relacionadas com o falecimento do autor, se seguiriam até aos dias de hoje.

Eça foi sepultado em Lisboa no Cemitério do Alto de São João, contudo, em setembro de 1989, os restos mortais do escritor foram transferidos para o jazigo da família no cemitério de Santa Cruz do Douro, em Tormes, no concelho de Baião. No entanto, não seria esta, ainda, a última morada do escritor.

Assinalando-se em 2020 os 175 anos do nascimento de Eça, em 13 de dezembro desse ano, deputados portugueses apresentaram à Assembleia da Républica o projeto de resolução n.º 800/XIV/2.ª de concessão de honras de Panteão Nacional aos restos mortais de José Maria d' Eça de Queiroz "em reconhecimento e homenagem pela obra literária ímpar e determinante na história da literatura portuguesa" (p. 4). A resolução foi aprovada por unanimidade em plenário da Assembleia da República, a 15 de janeiro de 2021. Tratou-se de uma iniciativa da Fundação Eça de Queiroz, sustentada pelo grupo parlamentar do Partido Socialista Português. Em 5 de fevereiro de 2021 o Diário da Républica n.º 25, 1.ª série, publicava a Resolução da Assembleia da República n.º 55/2021 que decidia conceder honras de Panteão Nacional aos restos mortais de José Maria d' Eça de Queiroz. A data da cerimónia ficou agendada para dia 27 de setembro de 2023.

No entanto, alguns descendentes do escritor, bem como antigos dirigentes locais e membros da população de Baião, opuseram-se à transladação do corpo do escritor. Foi noticiado, já em 2023, que houve uma proposta dos familiares opositores de se colocar uma lápide evocativa no Panteão, deixando os restos mortais em Tormes. Com indicação de que o processo iria avançar, seis bisnetos de Eça recorreram ao Supremo Tribunal

Administrativo com um pedido de providência cautelar. Todavia, o Supremo Tribunal considerou legítima a transladação, devendo ser agendada uma nova data para a cerimónia. E assim, o corpo do escritor permanece em Sta. Cruz, "no meio das serras onde jamais quis viver" (Mónica, 2001, p. 362). *Quiçá* movido por uma insatisfação *post mortem* o próprio autor engendrou um enredo ficcional que se viria a transformar num folhetim de vida real.

Os leitores de Eça de Queiroz conseguem, decerto, imaginar o autor, ainda vivo, com a mente a fervilhar de ideias para uma narrativa recheada de novos episódios da vida romântica, mas em pleno século XXI. E, deste modo, estamos novamente na contemporaneidade a colocar Eça e, inevitavelmente, o seu legado, na agenda cultural. Fala-se do escritor e, necessariamente, somos guiados para a sua obra literária e para as muitas adaptações audiovisuais que homenageiam as narrativas ficcionais queirosianas.

O perfil biográfico de Eça de Queiroz e o seu percurso literário, certificam não só a magnitude do autor, como a genialidade da sua obra, ambos motivo de interesse audiovisual em adaptações literárias para cinema e televisão. Esta constatação contribui para o entendimento do potencial dramático da biografia do escritor e da sua produção romanesca – esta última diversas vezes materializada imageticamente ao longo dos anos, não só em cenário nacional, como na moldura internacional.

Realça Batista (2016, p. 138) que "Eça de Queirós tem sido dos autores a suscitar maior interesse tanto do lado brasileiro quanto do português na adaptação dos seus romances, novelas e contos aos mais diversos formatos mediáticos".

Similarmente Reis destaca que

> a produção ficcional queirosiana tem conhecido em Portugal e no estrangeiro (com destaque para o Brasil), uma atenção considerável, por parte de cineastas, realizadores de televisão, de dramaturgos, de guionistas, de produtores e de quantos intervém em complexos processos de transposição intermediática (Reis, 2020, p. 5).

O relevo do interesse brasileiro deriva de "um jogo de olhares que ao longo do século XX, e já XXI, portugueses e brasileiros foram lançando

sobre si próprios e cada um sobre o outro" (Batista, 2016, p. 138). Para além disso, segundo dados da Fundação Eça de Queiroz, a vida do próprio Eça sempre esteve ligada ao Brasil, seja através da ama brasileira que o criou nos primeiros anos de vida, seja por colaborações com revistas e jornais brasileiros ou pelas amizades brasileiras que encontrou em Londres e Paris. Por outro lado, não podemos deixar de invocar a polémica com um dos nomes maiores da literatura brasileira – Machado de Assis, em torno de *O Crime do Padre Amaro* (1875), o que acabaria por projetar ainda mais a presença de Eça do outro lado do Atlântico.

O trabalho do escritor também reflete muito da sua personalidade, evidenciando o seu estilo, o sentido de humor, temas que o preocupavam e personagens que caricaturou.

Portanto, o escritor e a sua obra são, de facto, apetecíveis para a arte cinéfila, indiciando os seus escritos "a insinuação de procedimentos discursivos e representacionais que remetem para as artes da imagem (…) como se em Eça aflorassem talentos de cineasta e de dramaturgo" (Reis, 2020, p. 6). Por outro lado, o próprio Eça e as suas peripécias de vida (e morte) facultam material criativo abundante para reinterpretação fílmica.

3. Intertextualidade: literatura queirosiana e cinema

Na tradição de realizar adaptações para cinema a partir de textos eruditos, as obras de Eça de Queiroz são particularmente incontornáveis. Este nítido interesse surge espelhado na Tabela 1 quando contabilizamos um total de quinze adaptações cinematográficas de inspiração queirosiana, dez das quais com origem em Portugal e cinco descendendo de projetos internacionais.

Estas reinterpretações fílmicas derivam de seis romances, quatro contos e uma situação em que o próprio escritor surge como personagem. Os seis romances de Eça que atraíram o cinema são: *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), *O Crime do Padre Amaro* (1875), *A Tragédia da Rua das Flores* (1878), *O Primo Basílio* (1878), *Alves e Companhia* (1925) e a sua obra-prima *Os Maias* (1888).

No que concerne aos contos que motivaram filmes, podemos indicar: *Singularidades de uma Rapariga Loira* (1874), *O Tesouro* (1894), *O Defunto* (1895) e *Adão e Eva no Paraíso* (1896).

Neste diálogo do cinema com os escritos do autor canónico, compreendemos que se trata de uma apropriação, ou leitura reavivada, de textos que são património cultural e embora a liberdade criativa seja uma prioridade, a inspiração queirosiana é a raiz motivadora.

Se tivermos em atenção a distância que medeia entre a primeira produção portuguesa com vínculo ao escritor oitocentista (1922), no período em que o cinema ainda não era sonoro, e a última (2018), na contemporaneidade, percebemos que o interesse pela obra de Eça se manifesta não só ao longo de épocas diferentes, como atravessa a barreira de um século em dimensão numérica quase proporcional: oito adaptações no século XX e sete já no novo milénio.

Da observação da Tabela 1 constatamos também, sem surpresa, que, embora Portugal seja o país que mais adaptações queirosianas realizou ao longo dos anos, outras geografias, com ênfase no Brasil, têm apresentado filmes a partir dos textos do autor português.

Tabela 1. Adaptações cinematográficas de inspiração queirosiana.

Data	País	Título	Realizador
1922	Portugal	O Primo Basílio	Georges Pallu
1934	México	El Primo Basílio	Carlos de Nájera
1944	Argentina	El Deseo	Carlos Schlieper
1954	Portugal	O Cerro dos Enforcados	Fernando Garcia
1959	Portugal	O Primo Basílio	António Lopes Ribeiro
1978	Portugal	Os Lobos	Pedro Bandeira Freire
1987	Portugal	O Querido Lilás	Artur Semedo
1998	Brasil	Amor & Cia	Helvécio Ratton
2002	México	El Crimen del Padre Amaro	Carlos Carrera
2005	Portugal	O Crime do Padre Amaro	Carlos Coelho da Silva
2007	Portugal	O Mistério da Estrada de Sintra	Jorge Paixão da Costa
2007	Brasil	O Primo Basílio	Daniel Filho
2009	Portugal	Singularidades de Uma Rapariga Loura	Manoel de Oliveira
2014	Portugal	Os Maias	João Botelho
2018	Portugal	28 de Outubro (Animação)	Tiago Albuquerque

Fonte: Elaboração própria.

O Primo Basílio (1878) foi o romance queirosiano que mais diálogos intertextuais inspirou, tendo sido transposto para cinema em cinco ocasiões, duas delas em Portugal (1922 e 1959) e as outras três na América Latina (1944, 1998, 2007).

A linha dramática destas transcodificações centra-se, tal como no romance, no enredo do adultério e do triângulo amoroso. Na versão de 2007, do Brasil, não parece haver um aprofundamento da crítica social queirosiana, sendo as peripécias do escritor aproveitadas para uma intriga focada num romance adúltero de tipo triangular e de teor melodramático (Sobral, 2016). Como resultado, a associação ao autor canónico português é provavelmente um pretexto para filiação cultural ou para beneficiar da atmosfera de obra culturalmente significativa de que fala Ferreira (2008).

O adultério é uma temática universal e controversa que envolve o domínio das paixões humanas e questionamentos diversos. As versões fílmicas de *O Primo Basílio* desenrolam-se a partir de uma inesperada visita de um primo e de uma viagem de trabalho do marido que promove o reencontro de Luiza com uma sua antiga paixão adormecida. Isto vai causar uma reviravolta na vida da burguesa que passa a ser vítima da chantagem da sua criada.

Também o filme de 1954 *O Cerro dos Enforcados*, baseado no conto *O Defunto* (1895), bem como a pelicula brasileira *Amor e Cia*. (1998), retomam o tema do adultério.

O adultério ressurge diversas vezes ficcionado no filme *Os Maias* (2014), de João Botelho, não só através da personagem Maria Monforte, como da Condessa de Gouvarinho ou da aristocrata Raquel Cohen. Todavia, de acordo com Vilela (2021), é Luiza, a Condessa de W., amante do capitão Rytmel de *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) que é a primeira adúltera queirosiana. Para Vilela (2021) "ao contrário da sua posterior homónima d'*O Primo Basíli*o, esta é a obreira consciente do seu destino, teoriza sobre ele, escolhe o seu próprio castigo e escapa com vida da aventura". Posteriormente, quando Eça criou a outra Luiza (a de *O Primo Basílio*), concentrou nela as características que a aproximavam da categoria de tipo com representatividade social. Todavia, como argumenta Cunha (2016), "a personagem feminina, que em meados do século XIX afirma a existência da sua sexualidade, ultrapassa decerto a qualidade do tipo ao serviço da moral comum". E ressalta este aspeto

sublinhando a denúncia da iniquidade das consequências que daí resultam através da reflexão de Luiza no texto queirosiano – "Tinham palpitado no mesmo amor, tinham cometido a mesma culpa. – Ele partia alegre, levando as recordações romanescas da aventura: ela ficava, nas amarguras permanentes do erro. E assim era o mundo!" (Queiroz, 2007, p. 267).

O tema do amor na ficção, seja ela literária ou fílmica, é transcultural e intemporal. Um sentimento que se complica sempre que é motivo de tragédia, impossibilidade ou sofrimento. É o caso do adultério, seja ele motivado por um amor infeliz ou por transgressão e proibição. Já os poetas das antigas Cantigas de Amor, na lírica galego-portuguesa, louvavam a dama casada e até a lenda medieval de origem céltica *Tristão e Isolda* recorda a mancha do adultério. Romances célebres do século XIX, como *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert, ou *Ana Karenina* (1878), de Liev Tolstói, reavivam o tema. Também Machado de Assis ficcionou o adultério em algumas das suas importantes obras, como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), por exemplo.

Em meados de oitocentos Camilo Castelo Branco, contemporâneo de Eça de Queiroz, escreve uma das mais eternas narrativas de amor romântico da literatura portuguesa (*Amor de Perdição*, 1862), numa expressão da revolta dos dias mais atormentados da sua vida, devido a ele próprio estar preso por viver um amor proibido com uma senhora casada.

Evocado por escritores, seja de forma ficcional ou experienciado em vida real, o tema do adultério era bastante relevante e invocava uma área sensível da vida humana: a da intimidade. Ora, Eça de Queiroz, vivendo neste período restritivo e incentivado pelo impulso reformista do realismo abordou igualmente o tema e "apontou com veemência os vícios que o seu olhar encontrava na sociedade portuguesa de então, concedendo um particular relevo à educação feminina, em íntima articulação com a prática do adultério" (Cunha, 2016, n.p.).

As exigências sociais e morais rígidas do século XIX castravam a liberdade do amor. Portanto, o adultério era conotado como uma infração à ordem estabelecida, devendo ser evitado e punido. Foi associado a comportamentos desviantes, de luxúria e ameaçador para o casamento cristão, geralmente derivado de acordos 'comerciais' onde o amor era

excluído. O certo é que a prática do adultério foi tipificada como crime durante muitos anos e a literatura trouxe um conflito eminentemente privado para a esfera pública.

O cinema, na sua perspetiva de adaptação, concebe uma abordagem da narrativa em movimento onde os assuntos dos textos anteriores podem ser criativamente apropriados e transmutados. E, deste modo, o adultério configura-se como um comportamento humano que motiva numerosas peripécias dramáticas da ordem das emoções humanas com interesse para a criação cinéfila.

Em rigor, na atualidade real ou ficcional, o adultério continua a gerar constrangimento e polémica. O que pode explicar, em parte, a atração cinematográfica pelo romance queirosiano *O Primo Basílio* (1878), para além da encenação de temas transculturais como o triângulo amoroso, o ciúme, a obsessão, a hipocrisia, a mentira, a traição ou a chantagem, entre outros.

O segundo romance queirosiano que inspirou mais diálogos intertextuais com o cinema foi *O Crime do Padre Amaro* (1875), adaptado em 2002 no cinema mexicano e em 2005 em Portugal – um dos maiores sucessos de bilheteira do cinema português.

Temática igualmente constrangedora que se entrelaça com elementos apelativos como celibato, transgressão eclesiástica, sexo, violência e voyeurismo. A versão mexicana esboça uma representação de corrupção no seio da igreja católica e evoca cenários de criminalidade, violência, pedofilia e aborto. O projeto português apresenta uma realidade espetáculo (Batista, 2008), onde o crime violento e os bairros sociais ganham destaque. Nas duas propostas fílmicas sobressai o abuso da autoridade eclesiástica, bem como a quebra do celibato. Pode-se considerar, portanto, que ambas as adaptações exibem ideias que ultrapassam limites fronteiriços e culturais, e que ainda hoje motivam discussão. Por outro lado, evidencia-se também a exploração da propensão voyeurista e a vertente de curiosidade do ser humano.

Os restantes diálogos entre a literatura de Eça e o cinema português evocam a dimensão trágica da ambição desmedida e do incesto (*Os Lobos*,1978 e *O Querido Lilás*, 1987), bem como o volume nefasto da ilusão da paixão e da falsidade social (*Singularidades de uma Rapariga Loira*, 2009).

Importa ainda notar, partindo de um conto de Eça de Queiroz (*Adão e Eva no Paraíso*, 1896), que estabelece um permanente diálogo entre a perspetiva criacionista e a evolucionista, que o filme de animação de Tiago Albuquerque, ao colocar em foco o título *28 de Outubro*, convoca a interpretação de Rodrigues *et al*. (2017) que sugere que "ao colocar o aparecimento do homem a 28 de Outubro, Eça atribui-lhe o papel de hermafrodita" (p. 317) e o facto de "considerar Adão como hermafrodita, significa que Adão é o homem perfeito e completo" (p. 318), ou seja, o homem perfeito para o mundo. O surgimento da mulher corporiza o masculino e o feminino, "os dois suportes da evolução e do progresso" (p. 319). Depreendemos, portanto, que o universo narrativo criado por Eça de Queiroz oferece um discurso criativo simbólico interessante e também uma abrangente dimensão interpretativa imagética.

Todos os assuntos expostos por Eça abordam questões essenciais da humanidade. Temas não só transculturais, como intemporais. A intenção do escritor era inquietar as mentes, agitando o marasmo e a ociosidade sustentada por leituras românticas. Enfatizar o mais desagradável da vivência humana de forma criativa e, ao mesmo tempo, provocadora.

Acreditamos que esta capacidade de inquietar transitou para a contemporaneidade não só através dos seus escritos, como também pela transcodificação cinematográfica que amplia a obra do autor para outros públicos, para além do literário. São, seguramente, relações dialógicas de engrandecimento.

Reis (2023) recorda-nos que Eça é um escritor de alcance universal que nos remete para sentidos ético-filosóficos que transcendem a sua obra, o seu tempo e o próprio autor. Nas suas palavras:

> Em romances e em contos de Eça, lemos, evidentemente, crítica social, em regime irónico e até satírico, mas devemos passar a outro nível: o da reflexão sobre o amor, os seus enganos e os seus desenganos, sobre o sentido da vida, sobre a ambição humana e as suas frustrações, sobre o desamparo dos homens (e das mulheres, claro) perante poderes instituídos, sobre a fugacidade do tempo, sobre os excessos da técnica e da ciência, sobre os apelos da Natureza, sobre o peso da História, sobre a densidade da memória, sobre as contradições da condição humana, etc. Tudo isto modelado por um estilo como outro não há (Reis, 2023, p. 7).

Se é certo que os conteúdos discutidos pelo grande romancista português são um dos argumentos fortes para justificar a aproximação do cinema, também é evidente que outros elementos sobressaem neste ato de dialogismo intertextual. Com efeito, Eça criou algumas das personagens mais impressionantes da literatura portuguesa que, por si só, são verdadeiras fontes de inspiração para a arte dramática.

Estas figuras de ficção revelam-se como desafiantes, exigentes e com acentuada densidade psicológica. Por outro lado, são também célebres os tipos criados por Eça de Queiroz, "reconhecíveis ainda nos dias de hoje, motivo de discussão e, por vezes, de acesa polémica" (Cunha, 2016, p. 204). Estes assumem, na maioria dos casos, a função de representatividade social ou ferramenta de crítica e exibem características e costumes que facilmente permitem a sua identificação.

As personagens que povoam a criação ficcional de Eça de Queiroz transmitem a sensação de uma existência que se enquadra para além do cânone literário, numa dimensão abrangente de potencialidade para abordar diversas experiências humanas e transmitir uma visão do mundo. São figuras construídas de forma consistente com a intencionalmente de viverem determinada situação narrativa, emoldurada por um conjunto de valores, perante os quais vão adotar certas atitudes. A incidência do autor no desenho das personagens é meticulosa e perfecionista, não só no plano físico, como psicológico, e também nos domínios da educação, moralidade e condição social. A atenção ao detalhe engloba o guarda-roupa, expressões verbais, ou hábitos de leitura, entre outros pormenores de imensa riqueza técnica. Sendo assim, torna-se percetível que o conjunto de traços que compõe as personagens queirosianas constituía também um fator apelativo para as variadas leituras cinematográficas que foram realizadas ao longo dos tempos.

Importa enfatizar que no âmbito da estética realista, o estilo de Eça é considerado excecional, operacionalizado não só na perspetiva dos estereótipos, como na representação e identificação de traços definidores de espaços, descrição plástica, impressões cromáticas e musicais, entre outros aspetos. Eça deixou-nos uma herança magnífica, merecendo a sua escrita um respeito inabalável, cuja estilística insiste no cuidado com a explanação do detalhe e desdobramento generoso em adjetivação, para além da habilidade de gerir com mestria o sentido de humor, a sátira e a ironia. O estilo multiforme

queirosiano sofreu diversas influências e a estrutura simbólica e imagística do seu texto simplifica a transcodificação para audiovisual.

É inegável na obra queirosiana a existência de verdadeiros momentos dramáticos, plenos de dramaturgia, suscetíveis de mobilizarem a encenação cinematográfica. A este aspeto se refere Reis (2012) quando observa, aludindo a uma peripécia de *Os Maias*, que "aquele episódio está a pedir uma adaptação teatral; ou televisiva; ou cinematográfica", ou seja, "uma reescrita que, por processo de transcodificação, contemple uma representação, um meio e uma linguagem que prolonguem e até aprofundem as virtualidades dramáticas" (Reis, 2012, p. 366). Ou como expõe o cineasta português João Botelho, "o que fica é a dramaturgia do Eça, que escreve as cenas de uma maneira que é muito fácil adaptá-las" (Botelho, 2020, p. 84).

Algo que é também relevante observar, invocando o já explanado em outro texto (Sobral, 2016), é a impressão de contemporaneidade existente na obra queirosiana que nos transmite a sensação de íntima proximidade, transformando Eça de Queiroz num construtor ativo de "sucessivos presentes" (Jorge, 2009, p. 134). Portanto, o multifacetado escritor canónico transforma-se, assim, num "autor da sua época, mas também da nossa" (Gersão, 2009, p. 138).

4. Conclusões

Sendo o cinema uma arte que dialoga facilmente com as manifestações culturais literárias, sobressai, neste estudo, um conjunto de filmes que reconstrói o imaginário queirosiano a partir da inspiração das suas obras. A adaptação de escritos de Eça de Queiroz para o cinema, em Portugal, no mundo, e em especial no Brasil, tem marcado momentos importantes de reencontro com o escritor e a renovação da sua 'presença' na contemporaneidade. Estes diálogos permitem reconstruções imaginadas a partir de personagens, ações, temas, descrições e até retratos sociais.

Para além disso, a legitimidade cultural de Eça e a sua estilística própria contribuem também para a revisitação cinematográfica das ideias dos seus romances.

Em rigor, as suas narrativas oferecem não só um extenso número de personagens, como também temas de relevo entrelaçados em tramas que

facilitam a transposição dramática, fazendo, assim, compreender os motivos que têm levando o cinema a apresentar variadas interpretações criativas da herança literária queirosiana. Todos estes elementos concretizam a resposta à questão de investigação inicialmente formulada e mostram que os romances queirosianos permanecem como que intocados pelo tempo. A indiferença cívica da elite do século XIX, denunciada por Eça, e a letargia crónica que parece, entretanto, ter-se instalado na sociedade em geral, contribuem para estimular a curiosidade de cineastas que, tal como Eça, são o oposto da inércia e da apatia.

Ao elencar os diversos filmes que adaptam textos de Eça observamos que Portugal, o Brasil e o México são os países que se evidenciam com mais adaptações, dez nacionais, duas brasileiras e duas mexicanas. O interesse do Brasil deriva, como vimos, da proximidade cultural, histórica e linguística existente entre os dois países; a atenção mexicana foca-se nas temáticas universais e polémicas que podem ser adaptadas a diversas tendências cinematográficas. Estas releituras propõem ambientes históricos e culturais diferenciados, géneros diversos, temas interpelantes que foram reutilizados e reescritos por génios do cinema, como Manoel de Oliveira, por exemplo, suscitando, assim, novas questões e versões cinematográficas cujo propósito é, justamente, o olhar renovado do cinema como meio dialogante e criativo, encorajando a inquietação e a confrontação.

Tendo em conta a pluralidade de adaptações cinematográficas com base em textos de Eça de Queiroz, constatamos que esta inspiração literária continua a atrair as artes dramáticas ao longo dos tempos. Reconhecemos também que é necessário um caminho de investigação que aprofunde o estudo sobre adaptações cinematográficas de narrativas queirosianas.

Referências

Batista, M. M. (2016). O papel hegemónico do cinema no estado novo - a adaptação do conto O Defunto, de Eça de Queirós. In M. M. Batista & F. Filho (Orgs.). *Estudos culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação* (pp. 138-148). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Baptista, T. (2008). *A invenção do cinema português*. Lisboa: Tinta-da-china.

Botelho, J. (2020). Os Maias – o romance, o filme: diálogos (im)possíveis. *Revista Queirosiana*: Estudos sobre Eça de Queirós e sua geração, Adaptações cinematográficas e televisivas da obra queirosiana, 27-28, 82-88.

Carneiro, J. L. *et al*. (2020). Projeto de Resolução 800/XIV/2. Concessão de Honras de Panteão Nacional a José Maria Eça de Queiroz. *Diário da República*, II série A n.º 44, 2020, da 2.ª SL da XIV Leg (pág. 10-12). Acedido online em 24 set. 2023. DAR II série A n.º 44, 2020.12.14, da 2.ª SL da XIV Leg (pág. 10-12). Recuperado de: https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetalheIniciativa.aspx?BID=45534.

Cunha, M. do R. (2016). Luísa (O Primo Basílio). *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. Recuperado em 1.º de outubro de 2023, de http://dp.uc.pt/conteudos/entradas-do-dicionario/item/208-luisa.

Cunha, M. do R. (2016). Para uma poética da personagem queirosiana. *Revista de Estudos Literários*, 6, 201-217.

Ferreira, C. (2008). Monólogos lusófonos ou diálogos trans-nacionais: O caso das adaptações luso-brasileiras. In *Actas do XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências* (pp. 1-12). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Gersão, T. (2009). Eça próximo de nós. In C. Reis. *Eça de Queirós* (pp. 137-138). Lisboa: Edições 70.

Jorge, L. (2009). Eça de Queirós: A decência da beleza. In C. Reis. *Eça de Queirós* (pp. 134-135). Lisboa: Edições 70.

Mónica, M. F. (2001). *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal Editores.

Queiroz, E. de (2007). *O primo Bazilio*. Lisboa: Livros do Brasil.

Reis, C. (2012). Eça de Queirós em formato da Globo. *Letras de Hoje*, *47*(4), 365-371.

Reis, C. (2020). Nota prévia. *Revista Queirosiana*: Estudos sobre Eça de Queirós e sua geração, Adaptações cinematográficas e televisivas da obra queirosiana, 27-28, 5-6.

Reis, C. (2023, setembro 24). Sobre a atualidade de Eça de Queirós. *Público*, p. 7.

Rodrigues, J. B.; Morgado, E.; Pereira, L. C. & Silva, L. L. F. da (2017). Adão e Eva no paraíso: a força dominadora do símbolo no dizer de um conto de Eça de Queirós. *Crítica Cultural*, *12*(2), 315-331.

Sobral, F. A. (2016). *As atualizações dos romances de Eça de Queirós para o pequeno ecrã*. Lisboa: Chiado Editora.

Vilela, A. L. (2021). Luísa (O mistério da Estrada de Sintra). *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. Recuperado em 1.º de outubro de 2023, de http://dp.uc.pt/conteudos/entradas-do-dicionario/item/1109-luisa-o-misterio-da-estrada-de-sintra.